

PSICOLOGIA EMPÍRICA E ANTROPOLOGIA NO PENSAMENTO INICIAL DE KANT¹

Empirical Psychology and Anthropology in Kant's Early Thought

DIEGO AZEVEDO LEITE
Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF
diego.azevedo.leite@gmail.com

SAULO DE FREITAS ARAUJO
Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF
saulo.araujo@ufjf.edu.br

Resumo: A relação entre a psicologia empírica e o projeto de uma antropologia pragmática no pensamento de Kant tem sido frequentemente discutida na literatura secundária. No entanto, não há consenso entre os intérpretes de Kant sobre o sentido exato desta relação. O objetivo do presente trabalho é contribuir para um maior esclarecimento a respeito deste tema, investigando a relação entre psicologia empírica e antropologia no pensamento kantiano nas décadas de 1760 e 1770. Nossa análise sugere que até a primeira metade da década de 1770 Kant utiliza os termos 'psicologia empírica' e 'antropologia' de forma quase idêntica, e que somente a partir da segunda metade desta mesma década ele introduz uma distinção mais clara e fundamental entre ambas as disciplinas.

Palavras-chave: Kant; psicologia empírica; antropologia pragmática.

Abstract: The relationship between empirical psychology and the project of a pragmatic anthropology in Kant's thought has been frequently discussed in the secondary literature. However, there is no consensus among Kant's interpreters on the exact nature of this relationship. The aim of this paper is to contribute to a better understanding of this topic, by analyzing the relationship between empirical psychology and anthropology in Kant's thought in the decades of 1760 and 1770. Our analysis suggests that until the first part of the 1770s, Kant uses the terms 'empirical psychology' and 'anthropology' almost identically, and that only in the second half of that decade he introduces a more clear and fundamental distinction between both disciplines.

Keywords: Kant; empirical psychology; pragmatic anthropology

¹ Os autores agradecem à CAPES e ao CNPq pelo apoio financeiro.

1. INTRODUÇÃO

As contribuições de Immanuel Kant (1724-1804) para o campo da psicologia têm sido explicitamente reconhecidas na literatura secundária especializada (e.g. Araujo, 2011; Gouaux, 1972; Hatfield, 1992; Leary, 1978, 1982; McDonough, 1995; Mischel, 1967; Nayak e Sotnak, 1995; Sturm, 2001, 2006, 2009; Westphal, 1995). Menciona-se, por exemplo, com certa frequência, a importante questão da relação entre as concepções kantianas sobre a psicologia empírica e seu projeto de uma antropologia pragmática. Na literatura filosófica, muitos estudos têm buscado esclarecer as ideias presentes na antropologia de Kant (e.g. Bonaccini, 2010; Brandt, 1999; Frierson, 2003; Jacobs e Kain, 2003; Loudon, 2000; Perez, 2009, 2010, 2013; Schmidt, 2007; Wilson, 2006; Zammito, 2002) e compreender melhor a relação entre a antropologia e a psicologia em seu sistema filosófico (e.g. Borges, 2003; Fulgêncio, 2006; Gomes, 2005; Hatfield, 1998; Leary, 1982; Leite, 2014; Sturm, 2009).

O debate sobre esta relação em Kant não é, porém, um fenômeno exclusivo dos séculos XX e XXI. Pelo menos dois nomes significativos na história da psicologia do final do século XVIII e início do XIX parecem ter se deparado com a questão e considerado a *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático* (1798) de Kant como um projeto de psicologia. O filósofo alemão Friedrich August Carus (1770-1807), autor do clássico *História da Psicologia* (*Geschichte der Psychologie*, 1808), trata de forma razoável a *Antropologia* kantiana em seu livro. Segundo ele, a “psicologia metafísica” foi se transformando ao longo do século XVIII em “antropologia” e enquanto “doutrina psicológica do homem” (*psychologische Menschenlehre*) foi muitas vezes contraposta à “antropologia corporal ou médica”. Neste sentido, ela deixou de ser uma doutrina hiperfísica do espírito para se tornar muito mais uma doutrina para o homem (Carus, 1808/1990, p. 692). Além disso, Carus afirma que a antropologia pragmática de Kant comprova o sentido prático-psicológico de seu autor².

² Depois de apresentar as concepções psicológicas de Kant, Carus mostra claramente que conteúdos e questões de psicologia e antropologia estavam misturados nas obras de muitos autores alemães do período, havendo inclusive algumas tentativas de se definir com maior exatidão o que realmente pertencia a cada um destes campos. Por exemplo, nas seguintes obras: K. C. E. Schmid, *Psicologia Empírica* (*Empirische Psychologie*, 1796); L. H. Jacob, *Esboço da Doutrina Empírica da Alma* (*Grundriss der Erfahrungsseelenlehre*, 1791); J. C. Hoffbauer, *Primeiros Princípios de Lógica com um Esboço da Doutrina Empírica da Alma* (*Anfangsgründe der Logik, nebst einem Grundriss der Erfahrungsseelenlehre*, 1794); M. A. Flemming, *Manual de Psicologia Empírica Geral* (*Lehrbuch der allgemeinen empirischen Psychologie*, 1796); C. H. L. Pöhlitz, *Da Antropologia*

O filósofo, psicólogo e pedagogo alemão, Johann F. Herbart (1776-1841), no prefácio de seu *Manual de Psicologia (Lehrbuch der Psychologie, 1816)*, cita como exemplos de obra psicológica, entre outros, a *Antropologia* de Kant, a qual “permite uma leitura fácil e divertida”; *Esboço da Doutrina Empírica da Alma (Grundriss der Erfahrungs-Seelenlehre, 1810)*, de Johann C. Hoffbauer (1766-1827); e duas obras de Johann G. E. Maaß (1766-1823), *Sobre as Paixões (Über die Leidenschaften, 1805-1807)* e *Sobre os Sentimentos e Afetos (Über die Gefühle und Affekte, 1811)* (Herbart, 1816/1882, p. 4). Na introdução, Herbart diz que o assunto da psicologia é “a percepção interna, o convívio com homens de diferentes classes sociais, a observação dos educadores e homens de estado, as considerações dos viajantes, historiadores, poetas e moralistas, e, finalmente, experiências com erros, doenças e animais”; além disso, existiria, segundo ele, uma grande relação entre a psicologia e “moral, pedagogia, política, filosofia da história, arte” (Herbart, 1816/1882, p. 6).

Estas considerações de Herbart coincidem em muitos pontos com considerações de Kant sobre sua antropologia. Além disso, a parte da obra referente à psicologia empírica, por exemplo, apresenta considerações sobre as capacidades cognitivas, afetivas e desiderativas do homem. No tratamento da capacidade de desejar, Kant é novamente citado: “As *paixões* (Kant as indicou primorosamente em sua *Antropologia*) dão o mais impressionante espetáculo na psicologia, e ao lado da loucura o mais triste” (Herbart, 1816/1882, p. 81 – itálico no original). De fato, em toda a psicologia de Herbart encontram-se conceitos utilizados por Kant em sua antropologia, como, por exemplo, ‘representação’ (*Vorstellung*) e ‘determinação do homem’ (*Bestimmung des Menschen*).

Além disso, os poucos manuais de história da psicologia, que tratam desta relação de uma forma um pouco mais expressiva, também indicam que as concepções antropológicas de Kant são de caráter psicológico e que a *Antropologia de 1798* é, na verdade, uma obra de psicologia. Klemm (1911, p. 65), por exemplo, diz que a *Antropologia* é a “principal obra de psicologia” de Kant. Além disso, ele sugere que a psicologia das faculdades

Popular (Der populären Anthropologie, 1795); F. Eugen, *Ensaio Sobre um Guia Teórico-Prático Para o Autoestudo da Psicologia Empírica (Versuch einer theoretisch-praktisch Anleitung zum Selbststudium der empirischen Psychologie, 1800)*; A. Metz, *Esboço de Antropologia de um Ponto de Vista Psíquico (Grundriss der Anthropologie in psychischer Hinsicht, 1814)*. Curiosamente, a maioria destas obras está praticamente ausente das discussões na literatura especializada sobre a antropologia kantiana e também na historiografia da psicologia.

(*Vermögenspsychologie*), tratada na *Antropologia* kantiana, foi posteriormente influente em importantes pensadores entre o final do século XVIII e início do XIX. Segundo Heidbreder (1981, p. 52), Kant “escreveu, sob o título de *Antropologia*, o equivalente a uma psicologia empírica”. E Müller (1968, p. 311) afirma que uma vez que a psicologia racional foi despojada de toda a validade, “só resta às pesquisas psicológicas um método empírico, ‘pragmático’, que Kant denomina ‘Antropologia’”, sugerindo que esse método foi apresentado na obra de 1798. Entretanto, mesmo que estes autores concordem que a psicologia empírica de Kant é muito importante para a constituição de seu projeto antropológico, há também muita divergência nos detalhes das interpretações.

Na literatura filosófica, o problema é ainda maior, uma vez que não há consenso nem mesmo sobre o sentido geral da relação entre psicologia empírica e antropologia pragmática em Kant. Alguns autores afirmam que o papel de conteúdos psicológicos não é crucial para o projeto antropológico kantiano como um todo (e.g. Louden, 2000; Wilson, 2006). Para certos intérpretes, o curso de geografia física seria muito mais importante para a constituição do projeto kantiano de um conhecimento do homem (e.g. Erdmann, 1882; Wilson, 2006). Outros defendem, ainda, a relevância das reflexões de Kant sobre ética (e.g. Stark, 2003; Zammito, 2002), cosmologia (Wilson, 2006), filosofia da história (Wilson, 2006; Sturm, 2009; Louden, 2003; Wood, 2003) e pedagogia (Louden, 2000; Wilson, 2006) para a constituição de sua antropologia.

Por outro lado, alguns trabalhos têm procurado mostrar que as noções kantianas sobre psicologia são importantes ou centrais e imprescindíveis para o projeto antropológico. Por exemplo, Leary (1982) defende que a divisão da filosofia crítica em três partes (Razão Pura, Razão Prática e Juízo) reflete a divisão psicológica entre conhecimento, desejo e sentimento. Para ele, Kant teria explicitado essa divisão em todo seu trabalho de psicologia, “como, por exemplo, em sua *Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático*” (Leary, 1982, p. 20). Além disso, ele afirma que Kant buscou reformar a psicologia empírica através do uso de uma “metodologia diferente”, que seria antropológica e baseada em observações do sentido externo ao invés do interno, sendo isso estabelecido na *Antropologia* de 1798 (p. 23). Dessa forma, renunciando à observação interna (à introspecção) e realizando observações sistemáticas do comportamento humano no mundo, a psicologia empírica, segundo Leary,

poderia se tornar uma ciência empírica melhor e mais útil à humanidade, pois tais observações poderiam se transformar em leis da experiência e auxiliar as pessoas, durante suas vidas, a tomar decisões difíceis e fazer melhores escolhas de cursos de ação, tendo por base este conhecimento sobre o homem.

Igualmente, Hatfield (1998) aponta inúmeras ligações entre antropologia e psicologia na obra de Kant, principalmente na *Antropologia* de 1798, a qual conteria “a declaração mais importante de suas concepções a respeito do conhecimento empírico da mente” (Hatfield, 1998, p. 423). Para ele, a novidade da antropologia kantiana seria apenas o seu caráter pragmático, isto é, “o uso de material psicológico para fornecer orientação para indivíduos a fim de ajudá-los a evitar armadilhas cognitivas, alcançar auto-aperfeiçoamento e se engajar em um comportamento social efetivo” (Hatfield, 1998, p. 426).

Outro trabalho que segue uma linha semelhante de interpretação é o de Hinske (1999). De acordo com ele, há uma forte influência da psicologia empírica tradicional na antropologia pragmática de Kant, o qual “considerou a psicologia empírica evidentemente como um tipo de antropologia”; neste sentido, “a antropologia pragmática poderia ser entendida como uma continuação da psicologia empírica com outros meios” (Hinske, 1999, p. 98). Além disso, Hinske mostra que a ideia de um conhecimento prático ou pragmático já vinha sendo frequentemente relacionada à psicologia antes de Kant e que a relação entre psicologia e filosofia moral também já era amplamente reconhecida no período.³ Finalmente, segundo Sturm (2009), as investigações da antropologia kantiana constituem parte da história das ciências empíricas do homem e isso deveria figurar precisamente nos manuais de história da psicologia, embora isso frequentemente não aconteça. Além disso, ele diz que: “do ponto de vista atual, a antropologia pragmática de Kant é muito mais psicologia do que antropologia propriamente dita. Ela se ocupa com as formas, causas e funções do conhecimento, do sentimento e do desejo humano, e com as formas e condições da formação do caráter” (Sturm, 2009, p. 42).

As considerações anteriores permitem concluir que se há, de um lado, o reconhecimento de uma relação entre psicologia e antropologia em Kant, não existe, de outro,

³ Nesta mesma direção, Klemme (1995) argumenta que já existiam inúmeras semelhanças entre concepções de psicologia e antropologia na própria tradição filosófica alemã que precedeu Kant.

um consenso sobre o sentido exato da mesma. Daí a necessidade de novas investigações sobre o tema. Dada a impossibilidade, contudo, de investigar em um único estudo toda a obra de Kant, nosso objetivo no presente trabalho é analisar a relação entre psicologia empírica e antropologia no pensamento kantiano entre as décadas de 1760 e 1770, que antecedem a publicação da primeira edição da *Crítica da Razão Pura* em 1781.

Para alcançar nosso objetivo, o trabalho será dividido em duas partes principais. Na primeira, que vai desde a década de 1760 até a primeira metade da década de 1770, vamos explorar a similaridade entre psicologia empírica e o que Kant denomina antropologia, a partir dos seguintes critérios: a) terminologia, definição e objeto de estudo de ambos os campos; b) sua posição no sistema filosófico de Kant; c) sua estrutura e conteúdo; e d) seu caráter prático. Na segunda parte, que abrange a segunda metade da década de 1770, vamos mostrar que Kant estabelece uma distinção mais clara e precisa, no âmbito do conhecimento do homem, entre conhecimento teórico e conhecimento pragmático. É somente a partir desta distinção que o projeto antropológico de Kant passa a se caracterizar mais precisamente pelo ponto de vista pragmático e a se diferenciar de maneira mais nítida da noção de psicologia empírica. Apesar disso, continua havendo certa proximidade entre as duas.

2. APROXIMAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA EMPÍRICA E ANTROPOLOGIA

2.1. Terminologia, Definição e Objeto de Estudo

O primeiro aspecto que queremos ressaltar é a proximidade e, em alguns momentos, a identidade dos termos “antropologia” e “psicologia empírica” para caracterizar um campo de conhecimento determinado.

Na tradição alemã anterior a Kant, a psicologia empírica já era inserida no campo da metafísica. Assim, tendo ele ministrado ao longo de toda a sua carreira na Universidade de Königsberg o curso de metafísica, ele seguiu em vários aspectos esta tradição. Uma parte substancial de seus primeiros cursos era baseada na *Metaphysica* de Alexander G.

Baumgarten (1714-1762)⁴, o qual conferia ao campo a seguinte estrutura: 1) ontologia; 2) cosmologia; 3) psicologia (empírica e racional) e 4) teologia natural⁵. A psicologia empírica, portanto, era tradicionalmente inserida depois da cosmologia. Contudo, em *Anúncio Sobre a Organização das Preleções do Semestre de Inverno de 1765/1766*, publicado em 1765, observamos a seguinte estrutura no curso de metafísica de Kant:

Eu devo começar com a *psicologia empírica*, a qual é de fato a ciência metafísica do *homem* baseada na experiência; pois no que se refere ao termo ‘alma’, não será ainda permitido nesta seção dizer que o homem possui uma. A segunda parte do curso discutirá a *natureza corpórea* em geral. Esta parte será retirada dos capítulos da *cosmologia* que tratam da *matéria*, aos quais eu vou acrescentar um número de escritos adicionais para completar o tratamento. Na primeira destas ciências (à qual, por conta da analogia, é adicionada a zoologia empírica, isto é, a consideração dos animais), deveremos examinar todo o fenômeno orgânico que se apresenta aos nossos sentidos. Na segunda destas ciências, nós iremos considerar tudo que é *inorgânico* em geral. Uma vez que tudo no mundo pode ser subsumido sob estas duas classes, eu devo, então, proceder à ontologia, a ciência que considera as propriedades mais gerais das coisas. A conclusão desta investigação conterà a distinção entre seres *mentais* e *materiais*, assim como a conexão ou separação dos dois, e, portanto, a *psicologia racional* [...]. No fim, haverá uma reflexão sobre a causa de todas as coisas, em outras palavras, a ciência que se ocupa com Deus e o mundo (AA 2: 309 – itálicos no original).

Esta passagem mostra que a ordem de exposição da metafísica neste curso não corresponde à proposta de Baumgarten. Aqui, tem-se a seguinte ordem: 1) psicologia empírica; 2) física (natureza corpórea em geral); 3) ontologia; 4) psicologia racional; e 5) teologia. Portanto, há uma mudança tanto na ordem das matérias quanto no conteúdo, uma vez que a física não era parte da metafísica na tradição. Em Kant, ao contrário, a psicologia empírica e a física, que

⁴ Na verdade, Kant também utilizou algumas vezes o manual de Friedrich Christian Baumeister (1709-1785), *Institutiones Metaphysicae* (1736), mas tinha claras preferências pelo manual de Baumgarten. Em um anúncio sobre o seu curso de metafísica do semestre de verão de 1756 (segundo semestre de Kant como professor na universidade), é dito que será utilizado o manual de Baumgarten com o seguinte acréscimo: “é mais do que certo que o valor de uma coisa precisa ser determinado não pela facilidade do seu uso, mas pela sua utilidade. [...] As dificuldades da escuridão que parece rodear este manual mais útil e fundamental dentre todos os outros do seu tipo serão removidas [...] através do cuidado com o curso e das elucidações escritas detalhadas” (AA 1: 503). No anúncio do ano seguinte (semestre de verão de 1757), Kant diz que irá utilizar tanto Baumeister quanto Baumgarten e que, apesar deste último ser mais difícil, ele é também mais completo (AA 2: 10). Todas as citações da obra de Kant serão feitas, como é de praxe na literatura especializada, a partir da Edição da Academia (*Akademieausgabe*), de acordo com o volume e o número das páginas. As traduções do alemão são de nossa inteira responsabilidade.

⁵ “Na metafísica será contada a ontologia, a cosmologia, a psicologia, e a teologia natural” (Baumgarten, 1783/2004, p. 6, § 2). A psicologia deriva seus princípios: “1) de uma forma mais detalhada a partir da experiência, a psicologia empírica, 2) a partir do conceito abstrato da alma através de uma longa sequência de silogismos, a psicologia racional” (Baumgarten, 1783/2004, p. 112, § 369).

são conhecimentos relacionados com a experiência, são os primeiros a serem tratados dentro do plano geral do curso.

No texto parcialmente preservado da primeira *Preleção Sobre Metafísica* ministrada por Kant (1762-1764), observamos algo muito semelhante. É dito que “a metafísica contém em si 1) antropologia, 2) física, 3) ontologia, 4) origem das coisas, Deus e o mundo, assim, teologia” (AA 28: 911). Assim como no texto de 1765, há aqui uma alteração na ordem da exposição. Entretanto, ainda mais significativo é o fato de ele usar o termo “antropologia” para se referir aos mesmos conteúdos da psicologia empírica tratados no curso de 1765. Podemos inferir daí que ambos os termos são utilizados nesse período como sinônimos, como notam Wilson (2006) e Menzer (1911).

Outra aproximação diz respeito à definição da psicologia empírica como “ciência metafísica do *homem* baseada na experiência”. Por um lado, esta ideia está de acordo com a tradição alemã da escola de Baumgarten, uma vez que este trata a psicologia como conhecimento metafísico e baseado na experiência, como bem observa Araujo (2011). Por outro lado, no entanto, Baumgarten define o objeto da psicologia empírica como sendo a alma⁶, enquanto para Kant o objeto é o homem. Não temos condições de afirmar com certeza se essa mudança terminológica implica uma mudança conceitual profunda. Não obstante, há uma divergência terminológica clara e provavelmente também alguma divergência conceitual, pois, como diz Kant, a partir somente do curso de psicologia empírica não se pode dizer que o homem possui uma alma. Parece haver aqui, portanto, uma separação entre o objeto de estudo ‘alma’, que pertenceria provavelmente mais propriamente à psicologia racional, e o objeto ‘homem’, tratado na psicologia empírica, mas que, tradicionalmente, está também muito ligado a um estudo de antropologia, como argumenta Klemme (1995).

Em 1770, Kant apresenta uma segunda definição de psicologia empírica e do seu objeto de estudo. Na sua *Dissertação de 1770*, há uma mudança do âmbito próprio da metafísica, que passa a se ocupar exclusivamente dos princípios do entendimento puro. Com essa reforma, a psicologia empírica é imediatamente excluída do campo metafísico, como observa Araujo (2011). Seu novo propósito, agora, é examinar e expor “os fenômenos [...] do sentido interno”, assim como a física o faz em relação ao sentido externo (AA 2: 397).

⁶ “A psicologia é a ciência dos predicados abstratos da alma” (Baumgarten, 1783/2004, p. 111, § 367).

Observamos, portanto, que se em 1765 a psicologia empírica era a ciência metafísica do homem, ela é agora um conhecimento dos fenômenos do sentido interno. Isso pode ser entendido como uma segunda divergência terminológica clara em relação à tradição de pensamento de Baumgarten. Porém, é possível que as expressões ‘conhecimento empírico da alma’, ‘conhecimento do homem’ e ‘conhecimento dos fenômenos do sentido interno’ não impliquem profundas divergências no plano conceitual, mas antes uma diferença apenas de ênfase. Infelizmente, porém, não é possível investigar esta questão mais a fundo, devido à ausência de discussões mais sistemáticas sobre o assunto por parte de Kant neste período.

Posteriormente, na *Preleção Sobre Antropologia*, que Kant ministrou pela primeira vez no semestre de inverno de 1772/73 (*Collins*), encontramos a seguinte definição: antropologia é “ciência do homem” (AA 25: 7). Há, assim, uma convergência terminológica entre a definição de antropologia neste curso e a definição de psicologia empírica no *Anúncio* de 1765. Ao mesmo tempo, pelo menos até aqui, não há nada que exclua a possibilidade de que também o conhecimento empírico dos objetos do sentido interno seja idêntico ou muito similar ao conhecimento do homem. Além disso, nesta mesma preleção sobre antropologia, Kant discute o fato de que a ciência do homem (antropologia) foi considerada tradicionalmente como parte da metafísica. Segundo ele, isso é um erro, porque “a metafísica não tem nada que ver com o conhecimento da experiência” (AA 25: 8). Sendo assim, ele conclui: a “psicologia empírica pertence tão pouco quanto a física empírica à metafísica” (AA 25: 8).

Notamos, portanto, que no início de seus cursos sobre antropologia, em 1772, Kant ainda não fazia uma distinção entre antropologia e psicologia empírica. Mesmo tendo introduzido na *Dissertação de 1770* uma nova definição de psicologia empírica (ciência dos fenômenos do sentido interno), ele continuou a entendê-la igualmente como ciência do homem. O importante agora é que essa ciência do homem (seja antropologia ou psicologia empírica) não faz mais parte da metafísica. No entanto, como campo de conhecimento empírico, ela parece tratar dos mesmos assuntos da psicologia empírica (fenômenos do sentido interno). Tudo isso nos leva a questionar a tese segundo a qual Kant, nos seus primeiros cursos de antropologia, a entendia como um conhecimento essencialmente distinto

da psicologia empírica (e.g., Wilson, 2006, p. 7ff.)⁷. Se assim fosse, por que ele a mencionaria de forma tão explícita e tão próxima à antropologia logo na introdução de seu primeiro curso?

O mesmo parece acontecer na *Preleção Sobre Metafísica* da metade da década de 1770, na qual Kant inicia um raciocínio a respeito da psicologia empírica, definida como “doutrina da experiência dos aparecimentos da alma”, e, em seguida, a trata como “conhecimento do homem” (AA 28: 224). No entanto, “conhecimento do homem” é precisamente o que caracteriza, no curso de 1772/73, a antropologia. Além disso, ainda neste curso, Kant também define a psicologia empírica novamente como conhecimento dos objetos do sentido interno na medida em que são retirados da experiência (AA 28: 222). Há, portanto, também uma aproximação do sentido interno com a alma, na medida em que isso se relaciona com a experiência. No outro texto relacionado à preleção de antropologia de 1772/73 (*Parow*), ocorre o mesmo. Nela, se diz que psicologia empírica é “conhecimento empírico da alma” e que a “alma é um objeto do sentido interno” (AA 25: 243). Portanto, assim como na preleção sobre metafísica, temos aqui a definição da psicologia empírica como conhecimento do sentido interno, com o acréscimo, porém, de que a ‘alma’ é o seu objeto. Não é esclarecido, contudo, o que Kant entende por alma nesse ponto. A mesma vagueza observada anteriormente se repete, sendo ainda possível pensar que a ciência do homem, da alma ou do sentido interno, na medida em que se relaciona com a experiência, trata do mesmo conhecimento.

2.2. Posição no Sistema Filosófico

Um segundo ponto de proximidade entre a psicologia empírica e a antropologia, neste período, diz respeito a certo paralelo com a física empírica. Kant apresenta, em seu curso de metafísica da metade da década de 1770, uma estrutura parcial de seu sistema filosófico. Ele diz que a natureza como soma de todos os objetos dos sentidos (fisiologia) pode ser dividida de acordo com o seu objeto. Assim, tem-se a fisiologia do sentido interno e a fisiologia do

⁷ Wilson está correto em afirmar que o projeto antropológico de Kant excede, em muitos aspectos, a psicologia empírica de Baumgarten. Entretanto, a concepção de Kant a respeito da psicologia empírica, embora seja fortemente baseada em Baumgarten, já não é equivalente a esta desde a fase inicial de seu pensamento, como iremos mostrar adiante.

sentido externo; esta é física, aquela é psicologia, e ambas podem ser empíricas e racionais (AA 28: 222). A psicologia empírica é o conhecimento dos objetos do sentido interno na medida em que são retirados da experiência; a física empírica é o conhecimento de objetos do sentido externo na medida em que eles são retirados da experiência (AA 28: 222). Nem a psicologia empírica nem a física empírica, diz Kant, pertencem à metafísica, pois ambas são doutrinas da experiência, ao passo que a metafísica é uma ciência da razão pura (AA 28: 223).

Este mesmo paralelo é visto, porém, já no *Anúncio* de 1765, quando Kant coloca a física imediatamente depois da psicologia empírica em sua estrutura do curso de metafísica. Mas já na preleção de metafísica do período (1762-64) podemos dizer que ele faz o mesmo, embora ele tenha preferido utilizar o termo “antropologia” ao invés de “psicologia empírica”, como mostramos. Nestes dois casos, a psicologia empírica e a física são tratadas como conhecimentos da experiência que antecedem as discussões mais abstratas da metafísica, preparando, assim, também os alunos para elas.

Em *Ensaio Para Introduzir o Conceito de Grandezas Negativas na Filosofia*, publicado em 1763, o mesmo pode ser observado. Nele, há uma divisão implícita da doutrina da natureza em doutrina dos corpos (física) e doutrina da alma (psicologia), e uma aplicação de conceitos matemáticos a estes dois âmbitos. Igualmente, na *Dissertação de 1770*, pode-se observar tal paralelo. Após limitar o campo da metafísica aos princípios do entendimento puro e excluir a parte empírica de seu escopo, Kant diz que a psicologia empírica e a física empírica lidam com fenômenos da experiência; a primeira, com as do sentido interno, e a segunda, com os do sentido externo, como vimos. Portanto, existe um paralelo entre a psicologia empírica e a física empírica desde a década de 1760 e que se mantém até a década seguinte.

Na introdução do novo curso de antropologia em 1772/73 (*Collins*), esse mesmo paralelo é estabelecido: a antropologia “tem uma semelhança com a *fisiologia do sentido externo* [física], na medida em que em ambas as causas do conhecimento são tomadas a partir da experiência e observação” (AA 25: 7 – itálicos nossos). Assim como os conhecimentos da física empírica são tomados a partir da experiência e observação, também o são os conhecimentos da psicologia empírica. No novo curso de antropologia, porém, Kant diz que é na antropologia que isso ocorre e não faz nenhuma distinção entre esse conhecimento e a

psicologia empírica. Portanto, somos levados uma vez mais a concluir que Kant está tratando ‘psicologia empírica’ e ‘antropologia’ como sinônimos.

Na introdução da *Preleção sobre Antropologia de 1772/73 (Parow)*, Kant volta a se referir ao paralelo entre a psicologia empírica e a física. Ele diz que “a psicologia empírica é um tipo de doutrina da natureza” que “trata dos aparecimentos da nossa alma que constituem um objeto do nosso sentido interno, e certamente da mesma forma como a doutrina da natureza empírica, ou física, trata dos aparecimentos [do sentido externo]” (AA 25: 243). Em outra passagem, o mesmo paralelo é observado:

Uma vez que temos, agora, porém, já um grande conjunto desta fonte das ações humanas, ou dos vários aparecimentos (*Erscheinungen*) da alma, principalmente por conta de escritores ingleses, podemos apresentar essa doutrina assim como a física [...]. Enquanto ela [psicologia empírica] esteve anexada à metafísica, e não foi apresentada de forma particular, sua extensão esteve muito reduzida. Ela merece também um curso particular, em parte, porque ela não pertence absolutamente à metafísica, em parte, porque ela pode ser aprendida por todos sem que as ciências precedentes⁸ sejam necessárias (AA 25: 243-244).

Ou seja, em ambos os textos do curso de antropologia do mesmo período, Kant apresenta na introdução um paralelo com a física empírica; no entanto, em um texto, ele usa o termo “psicologia empírica” e, no outro, “antropologia”. Outro ponto interessante, neste trecho, é o fato de Kant dizer que a psicologia empírica já é bastante grande e merece um curso acadêmico particular, assim como a física. Tal ideia também tem uma grande semelhança com o texto de *Collins*:

A psicologia empírica pertence tão pouco quanto a física empírica à metafísica. Se nós tratarmos o conhecimento do homem como uma ciência particular, então teremos muitas vantagens: pois 1) não será preciso aprender junto com ela toda a metafísica; 2) antes que uma ciência chegue à organização e à regularidade da disposição, ela precisa ser estudada sozinha nas academias: este é o único meio de levar uma ciência a uma certa elevação; isso pode não se realizar, porém, na medida em que a ciência não é separada precisamente (AA 25: 8).

E isso também pode ser encontrado no curso de metafísica ministrado em meados da década 1770:

⁸ Provavelmente, seguindo Baumgarten, ontologia e cosmologia.

[...] a doutrina da experiência dos aparecimentos da alma não chegou a qualquer sistema, de forma que ela pudesse ter constituído uma disciplina acadêmica separada. Se ela fosse tão grande quanto a física empírica, ela teria sido separada da metafísica pela sua vasta extensão. Mas porque ela era pequena e não se quis abrir mão dela completamente, ela foi colocada na metafísica junto com a psicologia racional, e o costume não pode ser facilmente abolido. Mas agora ela já se tornou bastante grande e ela irá adquirir uma magnitude aproximadamente tão grande quanto a da física empírica. *Ela também merece ser exposta separadamente, assim como a física empírica*; pois o conhecimento do homem de nenhuma forma é inferior ao conhecimento dos corpos; de fato, de acordo com o valor, ela é muito mais preferível do que esta. Se ela se tornar uma disciplina acadêmica, estará em posição de obter a sua magnitude completa (AA 28: 224 – itálicos no original).

Neste curso, como no de antropologia, especialmente no texto de *Parow*, é dito que: 1) a psicologia empírica já se tornou bastante grande; 2) ela também merece ser exposta em um curso separado, assim como a física empírica. Contudo, no texto de *Collins*, a ideia de um curso separado, em que não seja preciso aprender toda a metafísica, é relacionada ao conhecimento do homem – que é mencionado também no trecho do curso de metafísica como se fosse um sinônimo de psicologia empírica. Isso poderia ser interpretado de duas formas: ou Kant está dizendo que gostaria de criar um curso de psicologia empírica, assim como fez com o de antropologia; ou ele está justificando a criação de seu novo curso de antropologia e, também nesse ponto, tratando a psicologia empírica e a antropologia como o mesmo tipo de conhecimento. Considerando a primeira opção, poder-se-ia então perguntar: se a psicologia empírica havia se tornado um conhecimento assim tão grande e tão promissor, se ela também merecia ser tratada como uma disciplina acadêmica separada que poderia atingir, dessa forma, uma grande magnitude, por que Kant não se esforçou para tornar isso realidade e criar então um curso acadêmico separado também para a psicologia empírica? Uma resposta plausível para isso é: ele de fato o criou e o chamou inicialmente de antropologia.

2.3. Estrutura e Conteúdo

Uma terceira convergência entre psicologia empírica e antropologia pode ser observada na estrutura e no conteúdo dos cursos de antropologia, assim como na parte referente à psicologia empírica nos cursos de metafísica do período em análise.

Em primeiro lugar, há algumas semelhanças com Baumgarten⁹: um exame de várias faculdades da alma humana. Por exemplo, na preleção sobre metafísica de 1762-64, há na parte da psicologia empírica uma discussão sobre a capacidade de ficção, que é uma das faculdades da alma discutidas por Baumgarten em sua obra, mantendo inclusive o mesmo nome. Nesta discussão, Kant utiliza conceitos como: ficção, quimera, sonhos. Os três termos são utilizados por Baumgarten exatamente no mesmo lugar (Baumgarten, 1783/2004, p. 134, § 439, p. 135, § 442). Também no texto *Grandezas Negativas* são discutidas, na parte referente à doutrina da alma, questões relacionadas ao prazer e desprazer; sensação interna; sentimento; indiferença; aversão; desejo; e outros (AA 2: 180ff.) – conteúdos muito semelhantes aos discutidos por Baumgarten em sua psicologia empírica (e.g. Baumgarten, 1783/2004, p. 150ff., p. 155ff.). Podemos perceber, portanto, que a influência de Baumgarten na concepção de Kant acerca da psicologia empírica nesse período parece ser grande. Por outro lado, Kant faz referência também à obra *Dom Quixote*, ao *Emílio* de Jean-Jacques Rousseau, a Maomé e a John Milton. Isso indica que desde este período Kant já utilizava toda a literatura que conhecia para fazer acréscimos e aprimorar a psicologia empírica de Baumgarten. Isso indica que, desde o período inicial, embora a psicologia empírica de Kant seja baseada na de Baumgarten, ela não é idêntica a esta.

Em dois textos de 1764, *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime* e *Ensaio Sobre as Doenças Mentais*, Kant começa a divergir mais explicitamente da tradição representada por Baumgarten no que diz respeito aos conhecimentos empíricos acerca do ser humano. Nestes textos, ele inclui um conteúdo sobre o homem que não se identifica com nenhuma parte da psicologia empírica de Baumgarten. No entanto, muitos comentadores consideram essas discussões como referentes a observações e concepções de caráter eminentemente psicológico (e.g. Carus, 1808).

O primeiro texto apresenta considerações e observações sobre: 1) os diferentes temperamentos do homem, que são quatro: a) melancólico; b) sanguíneo; c) colérico; d) fleumático (AA 2: 219); 2) gêneros humanos, que são: masculino e feminino; aqui, há observações sobre o comportamento e costumes do homem e da mulher (AA 2: 228ff.); 3) diferentes povos da terra; aqui, encontramos comentários sobre os costumes e comportamento

⁹ Para mais detalhes sobre a psicologia empírica de Baumgarten, ver Leite e Araujo (2015).

de italianos, franceses, ingleses, alemães, espanhóis e outros povos (AA 2: 244ff.). O texto todo é permeado por observações retiradas da vida comum e da literatura da época.

O *Ensaio Sobre as Doenças Mentais* também é permeado por observações semelhantes. Segundo Kant, deve-se imitar o método dos médicos, os quais pensam ser útil dar nomes às doenças (AA 2: 260). Assim, o texto pretende apresentar um índice de nomes das fraquezas da mente, isto é, uma taxonomia, tratando-se, portanto, também de um exercício de classificação e categorização. São consideradas doenças como: parvoíce (*Blödsinnigkeit*); loucura (*Tollheit*); imbecilidade (*Dummköpfigkeit*); estultícia (*Narrheit*); desatino (*Verrückung*); delírio (*Wahnsinn*); desvario (*Wahnwitz*); insânia (*Unsinnigkeit*). Poder-se-ia até dizer que, por um lado, existe, neste sentido, alguma semelhança com Baumgarten, uma vez que, em sua psicologia empírica, ele já discute problemas relacionados ao mal uso ou à corrupção das faculdades da alma. Mas, por outro lado, discussões mais sistemáticas a respeito das doenças mentais não se encontram em nenhuma parte da obra de Baumgarten.

Quando Kant inicia seu curso novo em antropologia, porém, o texto que escolhe como base para ministrar a disciplina é exatamente a psicologia empírica de Baumgarten (AA 25: 859, 1214). Se observarmos a estrutura implícita do texto de Baumgarten, notamos que há discussões sobre: 1) a alma e a capacidade de representação do homem; 2) a faculdade inferior de conhecimento e as faculdades a ela relacionadas; 3) a faculdade superior de conhecimento e faculdades a ela relacionadas; 4) a sensibilidade do homem e a capacidade de sentir prazer e desprazer; 5) a capacidade de desejar; 6) a conexão entre a alma e o corpo (Baumgarten, 1783/2004, p. 112ff.).

Observando, agora, a estrutura do curso de antropologia de 1772/73 (*Collins*), temos o seguinte: após duas seções introdutórias, o primeiro assunto geral é o Eu (*Ich/ Selbst*), seguido de questões relacionadas à capacidade de representação (AA 25: 19ff.). O segundo assunto geral é a discussão da faculdade inferior de conhecimento, isto é, a sensibilidade (AA 25: 31ff.) e as faculdades a ela relacionadas, como, por exemplo, a memória (AA 25: 87ff.) e a imaginação (AA 25: 95ff.). Em terceiro lugar, Kant discute a faculdade de conhecimento superior, em que trata da razão e de outras capacidades relacionadas a esta faculdade (AA 25: 147ff.). Em seguida, ele faz uma reflexão sobre a faculdade de prazer e desprazer, uma vez que, já neste texto, há uma introdução para a doutrina do gosto, na qual são tratadas as

condições do gosto, o uso do gosto na cultura, o bem-estar ou mal-estar em relação aos objetos bons ou ruins, o gosto de diferentes nações, etc. (AA 25: 174). Em quinto lugar, é discutida a faculdade de desejar, que abrange as inclinações, afecções e paixões do homem (AA 25: 205ff.). Por fim, Kant analisa o caráter do homem (os dons naturais, os temperamentos, e o caráter) (AA 25: 218ff.) a fisionomia (AA 25: 228ff.), o caráter das nações (AA: 25: 232ff.) e o caráter do sexo (AA 25: 234ff.). Podemos notar, assim, que existe uma grande semelhança entre o texto de Baumgarten e a estrutura do curso de antropologia de 1772/73 no que se refere aos seus cinco primeiros assuntos gerais.¹⁰ A grande diferença é que em Baumgarten existe uma discussão mais especulativa sobre o problema da comunidade entre a alma e o corpo (que desagradava Kant) no final do texto (Baumgarten, 1783/2004, p. 177, § 539-544), enquanto que na antropologia de Kant a abordagem se atém muito mais à análise da experiência.

Esta mesma convergência entre estrutura e conteúdo pode ser observada no curso de metafísica do período em questão. No início da discussão, há a consideração do Eu, a divisão das faculdades mais fundamentais e a apresentação do conteúdo de cada uma delas. De acordo com Kant, o Eu sente a si mesmo tanto como passivo quanto também como ativo (AA 28: 228). O que pertence à capacidade na medida em que se é passivo, pertence à capacidade mais baixa; o que pertence à capacidade na medida em que se é ativo, pertence à capacidade mais alta. Portanto, existem faculdades superiores e inferiores. Essas faculdades se referem fundamentalmente a três coisas: 1) representações; 2) desejos; e 3) o sentimento de prazer e desprazer. Existem, assim, três faculdades fundamentais: 1) faculdade de representação; 2) faculdade de desejo; 3) faculdade de prazer e desprazer. E todas têm uma parte superior e inferior. É exatamente essa estrutura que Kant segue no texto. Primeiro, ele discute a faculdade inferior de conhecimento (sensibilidade) (AA 28: 230ff.). Depois, considera a faculdade superior (entendimento) (AA 28: 238ff.). Em seguida, a faculdade de prazer e desprazer (AA 28: 245ff.) e a faculdade de desejo (AA 28: 253ff.). Por fim, há uma seção sobre a interação da alma com o corpo (AA 28: 259ff.).

Podemos afirmar, portanto, que existe uma grande semelhança entre a psicologia empírica de Baumgarten, a primeira parte do curso inicial de antropologia (isto é, os cinco

¹⁰ É importante notar que há uma grande semelhança entre os textos *Parow* e *Collins*.

primeiros assuntos gerais tratados acima) e a psicologia empírica presente no curso de metafísica deste período. Contudo, existem também inúmeros acréscimos feitos por Kant ao material de Baumgarten, que lhe serviu de base. A segunda parte do curso de antropologia é inteiramente nova em relação à tradição de psicologia empírica, mas foi constituída a partir de escritos anteriores e observações de Kant a respeito da natureza humana, suas diferentes condições e seus comportamentos. Mas mesmo essa parte nova é entendida por Kant como psicologia empírica e, nesse sentido, ela é algo bastante diverso do que Baumgarten e outros haviam feito – como se fosse um novo e original projeto de psicologia empírica, menos preocupado com questões especulativas e mais atento ao tratamento da natureza intrínseca humana e dos comportamentos do homem em concreto no mundo.

2.4. Caráter Prático

A quarta e última convergência que vamos analisar refere-se ao caráter prático do conhecimento psicológico e antropológico, isto é, à possibilidade de que este conhecimento possa ter uma aplicação concreta na vida cotidiana.

A carta de Kant a Marcus Herz, em 1773, mostra sua clara intenção de criar uma nova disciplina com certo caráter prático, no sentido de educar seus alunos para a prudência e até mesmo sabedoria. Segundo ele:

Este inverno estou oferecendo, pela segunda vez, um curso em antropologia, um assunto que eu agora pretendo transformar em uma disciplina acadêmica própria. Mas meu plano é completamente único. Meu intuito é expor através dela as fontes de todas as ciências, ciências da moral, da habilidade, do convívio humano, dos métodos de educar e governar seres humanos e, assim, de tudo o que pertence ao prático. Eu procuro discutir fenômenos e suas leis, ao invés da possibilidade do pensamento humano em geral. Portanto, as investigações sutis e, na minha visão, eternamente fúteis, como a maneira pela qual órgãos corporais são conectados com o pensamento, eu omito inteiramente. Incluo muitas observações da vida comum, de forma que meus leitores terão muitas oportunidades para comparar sua experiência ordinária com as minhas considerações e, assim, do início ao fim, achar as aulas divertidas e nunca áridas. Nesse meio tempo, eu estou elaborando a partir dessa doutrina da observação – que na minha opinião é muito agradável – um estudo preliminar da habilidade da prudência e até mesmo da sabedoria para a virtude acadêmica, que é, junto com a geografia física, diferente de toda outra instrução e pode ser chamada de conhecimento do mundo (AA 10: 145-146).

Há, nesta passagem, dois pontos importantes. Primeiro, Kant deixa claro que não inclui em sua antropologia especulações sobre a possibilidade do pensamento em geral ou sobre a interação entre o corpo e a mente, considerando este último assunto como exemplo de investigação fútil. Segundo, com base na antropologia, entendida como doutrina da observação, ele pretende preparar outro estudo ligado ao conhecimento do mundo, à prudência e à sabedoria, que parece não se tratar exatamente deste seu curso de antropologia, já que este lhe serve de base.

Contudo, essa intenção de Kant de fornecer conteúdos para seus alunos que lhes possam auxiliar no exercício da prudência e da sabedoria e facilitar, assim, a sua inserção no mundo já existia antes da década de 1770. No *Anúncio* de 1765, Kant apresenta uma caracterização da instrução escolar e universitária de seu tempo, assim como algumas ideias para melhorá-la. Segundo ele, o progresso natural do conhecimento humano poderia ser dividido em três fases gerais: 1) o entendimento se desenvolve usando a experiência para chegar a julgamentos intuitivos, e através deles chegar a conceitos; 2) usando a razão, esses conceitos passam a ser conhecidos em relação aos seus fundamentos e conseqüências; 3) por meio da ciência, esses conceitos passam a ser conhecidos como partes de um todo bem ordenado. Dessa forma, o professor precisa desenvolver no seu aluno, primeiro, o homem de entendimento; depois, o homem de razão; e, finalmente, o homem de ciência (AA 2: 305).

Com este procedimento, segundo Kant, mesmo que o aluno não chegue à última fase, ainda será beneficiado, pois ficará mais experiente e mais inteligente, “*se não para a escola, ao menos para a vida*” (AA 2: 306 – itálicos nossos). Se esse método não for empregado, a ciência do aluno será uma ciência emprestada que ele veste e não algo que cresceu com ele, apenas algo que foi jogado em cima dele. Apenas a aptidão intelectual é infrutífera como sempre foi e sempre será. Além disso, esse procedimento cria uma desilusão geral com o saber. É por conta disso que frequentemente homens de ciência (alguém que perseguiu cursos de estudo) apresentam pouco entendimento e que as academias (universidades) mandam mais pessoas ao mundo com a cabeça cheia de insanidades (AA 2: 306).

Em síntese, o que é preciso é o seguinte: não ensinar pensamentos, mas sim ensinar a pensar. O aluno precisa ser conduzido, mas não carregado, para que no futuro seja capaz de caminhar por conta própria sem cambalear. Kant diz ter percebido que os estudantes estavam

sendo seriamente negligenciados, pois desde muito cedo eles aprendiam a arte da argumentação sutil, mas lhes faltava qualquer conhecimento adequado de questões empíricas (AA 2: 312). Observamos, portanto, uma clara preocupação de Kant com o ensino de seus alunos e sua ênfase de que essa instrução não seja feita apenas para a escola ou academia, mas sim para a vida comum de seus alunos.

Neste mesmo texto, Kant acrescenta que o estudante, tendo assistido à parte da psicologia empírica do curso de metafísica, terá se beneficiado muito, “porque ele terá ouvido algo que ele pode entender, por conta da facilidade do tema; ele terá ouvido algo que pode lhe agradar, em virtude dos seus interesses; e ele terá ouvido algo que pode usar, por conta da frequência com a qual *isso pode ser aplicado à vida*” (AA 2: 309-310 – itálicos nossos)¹¹. Isso sugere que a psicologia empírica tem grande potencial para fornecer o componente que falta na educação dos alunos, ou seja, um conhecimento empírico sobre os homens que pode ser usado para uma orientação na vida.

Mas não é só a psicologia empírica que poderia cumprir essa função prática. De acordo com Kant, o curso de geografia física também poderia preparar os estudantes para o “exercício da razão prática” (AA 2: 312). Este curso, tal como apresentado já em 1757, trata do estado da natureza do globo terrestre (AA 2: 3). A primeira parte do curso é definida como parte geral e trata dos mares, da terra firme e ilhas, das fontes e mananciais, dos rios e riachos, do círculo de ar, dos ventos, de condições meteorológicas e outras modificações da terra ao longo do tempo e até da navegação. A segunda parte é específica e considera os reinos animal, vegetal e mineral. O objetivo desse conhecimento geográfico é fazer com que os alunos se familiarizem com as inclinações do homem, a diversidade de seus pré-conceitos e a sua forma de pensar (*Denkungsart*), chegando a um melhor conhecimento de si (AA 2: 9).

¹¹ Essa afirmação de Kant sugerindo o potencial popular e pedagógico também da psicologia empírica parece ter passado despercebida por muitos comentadores, embora Hinske (1966) tenha notado isso. Este mesmo autor (1999) também notou que, na própria tradição anterior a Kant, a ideia da psicologia empírica ligada a conhecimentos práticos já era reconhecida. Na *Metaphysica* de Baumgarten, por exemplo, isso pode ser encontrado: “a psicologia contém os primeiros princípios da teologia, da estética, da lógica e das *ciências práticas*” (Baumgarten, 1783/2004, p. 112, § 368 – itálicos nossos). Embora neste livro não seja explicado com mais detalhes essa relação, algumas discussões apresentadas especialmente na parte da psicologia empírica, que trata da faculdade de desejar, mostram semelhanças gerais com discussões sobre ética, e o mesmo é também encontrado na psicologia empírica de Kant, presente no curso de metafísica da metade da década de 1770, exatamente quando discute a faculdade de desejar.

No *Anúncio* de 1765, porém, segundo Kant, o esquema foi estendido e agora ele propõe, através da redução da parte que trata das características físicas da terra, ganhar mais tempo para incluir outras questões, as quais “são de ainda maior utilidade geral” (AA 2: 312). A disciplina seria então dividida em geografia física, moral e política. Na primeira parte, seria feita uma especificação das características mais interessantes da natureza nos seus três reinos (AA 2: 312). Na segunda parte, o assunto seria o homem, a partir da variedade e da diferença das suas propriedades naturais. Aqui, a comparação dos homens entre si, incluindo as sociedades de tempos mais remotos, forneceria um mapa amplo da espécie humana (AA 2: 312-313). Na terceira parte, seria discutida a condição dos estados e nações através do mundo (AA 2: 313).

Dois pontos merecem nossa atenção aqui. O primeiro se refere ao fato de que não é todo o conhecimento da geografia física que tem o potencial prático que tanto interessa Kant, mas apenas uma parte deste curso. Além disso, se observarmos o conteúdo da *Geografia Física* de 1802, notamos apenas duas partes que poderiam ter uma relação direta com a antropologia: 1) a seção que discorre sobre o homem no reino animal, que inicia a segunda parte do texto; e 2) a seção que descreve e compara as diferentes nações dos quatro continentes, que constitui a terceira parte do texto. Na primeira seção, porém, Kant discute coisas como: a) a cor e a compleição do corpo em indivíduos pertencentes a diferentes nações de acordo com condições geográficas e climáticas em que elas se encontram; b) maneiras de o ser humano mudar a sua própria figura; e c) comparações entre nações no que diz respeito a sua forma física e ao gosto musical, alimentício e relativo a odores. Na segunda seção, Kant descreve e compara inúmeras nações dos quatro continentes em termos de seus costumes morais e o caráter da nação; bebida e comida; manufaturas; ciências; linguagem; leis; religião; produtos; características naturais. Fica claro, portanto, que, em termos concretos, a geografia física parece fornecer para a antropologia apenas alguns conteúdos referentes ao caráter da nação, talvez algo sobre o estudo de expressões faciais e fisionomias humanas e alguns pontos sobre o caráter das raças. Porém, as discussões sistemáticas acerca dos temperamentos e do caráter dos sexos estão exclusivamente no texto *Observações* (1764) e há muito mais na segunda parte do projeto antropológico de Kant do que se vê na geografia física.

O segundo ponto se refere ao fato de que, no *Anúncio* de 1765, a analogia ou o paralelo implícito, do ponto de vista prático, é entre psicologia empírica e geografia física, pois ambas as matérias possuem aspectos que podem ser úteis para uma aplicação na vida. Com o tempo, este aspecto prático parece ter se desenvolvido no pensamento kantiano. No novo curso de antropologia de 1772/73 (*Collins*), Kant apresenta a ideia do conhecimento do mundo (*Weltkenntnis*), o qual consiste na aplicação do conhecimento das ciências à vida prática (AA 25: 9). Kant diz que não se pode considerar o homem apenas em suas características ocultas, pois isso serve apenas à especulação, mas que devemos considerá-lo principalmente segundo suas características práticas (AA 25: 9). Contudo, dessa vez, o paralelo do ponto de vista prático é entre antropologia e geografia física, as quais compõem o conhecimento do mundo (AA 25: 9).

Uma vez mais, portanto, observamos uma grande proximidade entre a psicologia empírica e a antropologia neste período do pensamento kantiano. Ambas são entendidas por Kant como um tipo de conhecimento empírico sobre o homem, que permite uma aplicação às questões da vida cotidiana. É preciso reconhecer, contudo, que esse interesse de Kant pelo caráter prático do conhecimento sobre o homem representa uma novidade em relação à psicologia empírica de Baumgarten e pode explicar o fato de Kant ter adotado o termo “antropologia” para se referir igualmente a este tipo de conhecimento.

3. A DISTINÇÃO ENTRE PSICOLOGIA EMPÍRICA E ANTROPOLOGIA PRAGMÁTICA

A partir da metade da década de 1770, Kant começa a esboçar uma distinção entre psicologia empírica e antropologia. Em *Das Differentes Raças de Seres Humanos*, publicado em 1775, Kant diz ter desenvolvido uma ideia para uma instrução acadêmica útil relacionada com o conhecimento do mundo, o qual “serve para prover a dimensão pragmática em todas as ciências e habilidades aplicadas, para que elas sejam úteis não apenas para a academia, mas também para a vida” (AA 2: 443). O mundo, segundo ele, se divide em natureza e homem. Estes assuntos, tomados de forma particular, são objetos da física e da psicologia empírica, respectivamente; se considerados, porém, do ponto de vista do conhecimento do mundo, quer

dizer, cosmologicamente ou com respeito ao que deve ser notado em sua relação com a totalidade, são objetos da geografia física e da antropologia (AA 2: 443). Kant, portanto, define novamente a psicologia empírica como conhecimento do homem. No entanto, ele apresenta aqui, aparentemente pela primeira vez, uma distinção (uma tanto obscura) entre ela e a antropologia, dando a entender que há duas perspectivas possíveis para o conhecimento sobre o homem: uma teórica e outra prática. Contudo, não há nesse texto uma discussão sistemática para esclarecer este ponto.

Esta distinção é aprofundada e mais bem elaborada na *Preleção Sobre Antropologia* de 1775/76, em que Kant desenvolve mais claramente a noção de conhecimento pragmático. Neste texto, ele estabelece pela primeira vez uma divisão clara entre dois tipos gerais de conhecimento: o teórico e o pragmático. Kant emprega o termo “pragmático” para se referir ao conhecimento que pode ser aplicado no mundo e que tem o conhecimento do mundo como fundamento. Porém, esta aplicação é feita a partir do conhecimento teórico (AA 25: 469), como também observa Sturm (2008). O conhecimento teórico é para academia; o conhecimento pragmático é para o mundo (AA 25: 469). O mundo enquanto objeto do sentido externo é natureza; enquanto objeto do sentido interno é homem; assim, o estudo da natureza e do homem juntos constitui o estudo ou conhecimento do mundo (AA 25: 469). A geografia física é a primeira parte do conhecimento do mundo, na medida em que ela é pragmática (AA 25: 470). A segunda parte do conhecimento do mundo é o conhecimento do homem, considerado não do ponto de vista especulativo, mas sim do ponto de vista pragmático, segundo regras da prudência para aplicar seu conhecimento, e isso é antropologia (AA 25: 470).

Ao mesmo tempo em que Kant busca definir melhor o que está chamando de antropologia, ele começa a relacionar de forma direta o conhecimento psicológico com o conhecimento teórico e especulativo: é preciso estudar a humanidade, “não, porém, psicológica ou especulativamente, mas sim pragmaticamente” (AA 25: 471). Entretanto, isso não implica ainda nenhuma separação nos conteúdos da antropologia e da psicologia empírica, pois Kant ainda se refere a um conhecimento do homem extenso, extremamente valioso e que merece ser apresentado enquanto um todo, separado de outras ciências:

[...] o campo do homem já está bem ampliado e merece, portanto, ser apresentado conjuntamente, enquanto um todo, e não ao lado de outras ciências, pois a física é o conhecimento dos objetos do sentido externo, e o conhecimento do homem enquanto objeto do sentido interno constitui exatamente tal campo [do homem]. Consequentemente, esse campo merece justamente tal esforço, e merece ser tratado como uma ciência acadêmica, assim como a física. E, em última análise, o homem é muito mais digno de ser estudado [...] do que toda a natureza corpórea. Acreditava-se que havia muito pouco para se falar sobre isso em uma ciência; por esse motivo, ele [campo do homem] foi empurrado para a metafísica – e certamente para a psicologia, constituindo a psicologia empírica –, à qual ele não pertence de modo algum, na medida em que a metafísica não tem nada a ver com uma ciência empírica (AA 25: 473).

Essa passagem mostra que o campo do homem é constituído por conhecimentos da psicologia empírica e da antropologia pragmática. Além disso, é interessante notar que o paralelo com a física empírica é alterado. No sistema filosófico kantiano, esta última aparece como contraponto à psicologia empírica, enquanto aqui o paralelo é entre a física empírica e o conhecimento do homem. Kant não pode, dessa forma, estar se referindo aqui somente ao que chamou de ‘antropologia’, excluindo a psicologia empírica. Se assim fosse, ele deveria se referir à geografia física como seu paralelo, como fez anteriormente no mesmo texto. Ademais, ele diz claramente que o campo do homem foi inserido na psicologia empírica. Portanto, a referência ao campo do homem como um todo precisa incluir a psicologia empírica e a antropologia pragmática. Podemos inferir, assim, que a psicologia empírica, para Kant, é um campo desenvolvido, com conteúdos próprios e merece ser exposta enquanto um conhecimento separado. Essa tese não sofre modificação até aqui. Ao mesmo tempo, a antropologia aparece como uma perspectiva específica para o conhecimento do homem, isto é, na medida em que ele é tratado de forma pragmática. A psicologia empírica, por sua vez, também é conhecimento do homem, mas segundo um ponto de vista teórico, especulativo.

Dessa forma, notamos que o homem é também objeto da psicologia empírica e este objeto aparece muitas vezes ligado ao conceito de sentido interno. Porém, o conceito de alma ainda permanece ligado ao sentido interno. Ao que tudo indica, Kant começou a buscar já na década de 1760 uma definição para a psicologia empírica mais ligada à experiência, isto é, afastada da especulação. Assim, é legítimo supor que ele tenha escolhido o conceito mais concreto de homem para definir o objeto da psicologia empírica, sem abandonar, porém, a noção de alma. Como fica claro nas passagens seguintes, ele continuou a empregar o termo “alma” em sentidos diferentes, dependendo do contexto:

Todo homem tem em si como que uma dupla personalidade: o *Eu como alma* e o *Eu como homem* [...]. O Eu genuíno é algo substancial, simples e persistente; oposto a isso, observa-se o Eu enquanto homem como mutável (AA 25: 13 – itálicos nossos).

O Eu significa em sentido amplo o *homem*, e em sentido estrito, a *alma* [...] a alma é algo simples e diferente do corpo (AA 25: 245-246 – itálicos nossos).

O homem tem, portanto, uma dupla personalidade, a saber, enquanto *homem* e enquanto *alma* (AA 25: 246 – itálicos nossos).

Este *Eu* pode ser considerado de forma dupla: *Eu enquanto homem*, e *Eu enquanto inteligência*. Eu sou, enquanto um *homem*, um objeto do sentido *interno* e *externo*. Eu sou, enquanto *inteligência*, um objeto do *sentido interno somente* [...]. Essa inteligência, que é conectada com o corpo e constitui um homem, chama-se *alma*; mas *considerada sozinha*, sem o corpo, é chamada inteligência. A alma não é, portanto, uma mera substância pensante, mas constitui uma unidade quando está conectada com o corpo (AA 28: 224-225 – itálicos no original).

Quando eu falo da alma, eu me refiro ao Eu em sentido estrito. Nós adquirimos o conceito de alma apenas através do *Eu*; portanto, através da intuição interna do sentido interno, pela qual eu sou consciente de todos os meus pensamentos [...]. Este objeto do sentido interno, *este sujeito*, a *consciência* em sentido estrito, é a alma. Eu considero o *Self* em sentido estrito, na medida em que eu omito tudo que pertence ao meu *Self* em sentido lato. Porém, o Eu em sentido lato me expressa como o homem completo, com alma e corpo (AA: 28: 265 – itálicos no original).

Na *Preleção Sobre Antropologia* de 1777/78, observamos a mesma distinção estabelecida anteriormente entre duas formas de se tratar o conhecimento do homem: uma teórica e especulativa (ligada à psicologia empírica) e outra pragmática (ligada à antropologia) (AA 25: 733). No entanto, desde o início dos cursos de antropologia, Kant sempre mostrou grande preferência por tratar o campo do homem através de um ponto de vista mais prático. Após a distinção mais clara entre duas perspectivas distintas para o conhecimento do homem, ele começou então a focar no desenvolvimento do conhecimento pragmático do homem. Portanto, como resultado do desenvolvimento mais claro da concepção pragmática e do posterior investimento exclusivo na antropologia pragmática, Kant acaba não desenvolvendo ou sistematizando a psicologia empírica enquanto conhecimento teórico do homem.

Por outro lado, não devemos nos esquecer que o conhecimento pragmático é uma aplicação do conhecimento teórico, ou seja, ele necessita de um conhecimento teórico, que está associado, no caso do homem, à psicologia empírica. Portanto, Kant se vê obrigado a

incluir grande parte do conhecimento teórico sobre o homem em sua antropologia pragmática, para que ele possa ser aplicado à vida cotidiana. Consequentemente, com o tempo, muitos conteúdos tradicionais da psicologia empírica são desviados para os cursos de antropologia pragmática, levando a uma redução significativa na exposição da primeira. Isso é indicado na carta de 1778 a Marcus Herz: “minha discussão sobre a psicologia empírica é agora mais breve, desde que eu comecei a lecionar antropologia” (AA 10: 242).

Kant nunca tratou de todos os conteúdos da psicologia empírica tradicional dentro de sua antropologia. No início da década de 1770, ele tinha uma preferência geral por questões mais práticas e menos especulativas. No entanto, na segunda metade desta década, ele inseriu uma distinção mais específica, que lhe permitia diferenciar a sua antropologia pragmática de outras propostas do período, com caráter mais especulativo. A partir disso, a sua concepção de psicologia empírica aproxima-se pela primeira vez de forma mais estrita da concepção de Baumgarten. Ela é um conhecimento meramente teórico e especulativo, porém muito pouco desenvolvido, devido à perda de conteúdos e à falta de interesse de Kant em desenvolver uma ‘psicologia empírica’ concebida em termos especulativos. Por outro lado, a sua relação com a antropologia pragmática é grande, dado que uma extensa parcela de seus conteúdos é utilizada para a aplicação à vida prática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa análise nos permite concluir que a relação entre psicologia empírica e antropologia no pensamento inicial de Kant é muito mais complexa do que aparece na maior parte da literatura secundária. Com efeito, pudemos distinguir três momentos, ao longo do período investigado, para mostrar a evolução do pensamento kantiano a respeito desta relação.

Primeiro, ao longo da década de 1760, Kant baseia suas concepções de psicologia empírica em Baumgarten, mas faz inúmeros acréscimos a essas ideias, observando ao mesmo tempo a necessidade de incluir mais observações ligadas à experiência e ao comportamento humano. Além disso, ele faz uso intercambiável dos termos “antropologia” e “psicologia empírica”, mostrando certa indecisão sobre qual seria o melhor termo para designar o campo

de estudo em questão. Por fim, ele percebe o potencial prático presente no campo da psicologia empírica.

Em um segundo momento, na primeira metade da década de 1770, após a exclusão da psicologia empírica da metafísica, Kant inicia um curso novo que denomina “antropologia”. Porém, em várias ocasiões, ele parece tratar este termo como sinônimo de psicologia empírica.

Finalmente, no início da segunda metade da década de 1770, Kant inicia um movimento mais claro para separar a psicologia empírica da antropologia através do desenvolvimento das noções de conhecimento do mundo e de conhecimento pragmático, além da aproximação de ambos com a antropologia. A partir daí, a psicologia empírica é entendida como conhecimento teórico, e a antropologia, como conhecimento pragmático do homem.

Porém, devido à preferência de Kant por tratar em seus cursos a antropologia sob o ponto de vista pragmático, ocorre certa negligência no desenvolvimento da psicologia empírica enquanto campo autônomo de estudo teórico. Entretanto, como o conhecimento psicológico é imprescindível enquanto conhecimento teórico para a antropologia pragmática, Kant deixa uma extensa soma de seus conteúdos na primeira parte de seu curso de antropologia pragmática.

No entanto, considerando que 1) as diferenças entre psicologia empírica e antropologia se referem exclusivamente ao caráter pragmático da última; 2) Kant deu preferência ao termo “antropologia” apenas para diferenciar seu projeto de outros mais tradicionais e com caráter fortemente especulativo; 3) conteúdos da psicologia empírica tradicional continuaram a ser imprescindíveis para o novo projeto; é legítimo considerar a antropologia pragmática no período analisado essencialmente como um novo projeto de psicologia empírica, baseado em observações tanto sobre a natureza humana em geral quanto na comparação de ações humanas em contextos específicos, mas visando fundamentalmente à capacidade humana de agir de forma ativa, autônoma e inteligente, assim como ao desenvolvimento e à formação do caráter.

Assim, torna-se evidente que o papel das concepções de Kant sobre a antropologia é muito importante para uma adequada compreensão do desenvolvimento de suas posições acerca da psicologia empírica, e vice-versa. A negligência desse aspecto leva a uma

compreensão apenas parcial ou, na pior das hipóteses, equivocada sobre o lugar da psicologia e da antropologia no pensamento de Kant.

É igualmente importante ressaltar as limitações de nossa análise, que abrange apenas o período inicial do pensamento de Kant e não pode ser extrapolada para toda a sua obra. De fato, uma solução adequada dos problemas inerentes a essa complexa relação demanda novos estudos que levem em conta as nuances e diferenças nas concepções de Kant ao longo dos diferentes períodos de sua filosofia e da maturação de seu pensamento. É igualmente importante que os estudos busquem determinar com exatidão em que medida as mudanças centrais no sistema filosófico geral, na filosofia crítica, na alteração da terminologia e no diferente uso de conceitos podem causar também alterações na forma de se entender as concepções a respeito da psicologia empírica e da antropologia pragmática.

Em que pesem tais limitações, esperamos que este estudo possa contribuir para um maior esclarecimento de algumas questões que permeiam a relação complexa entre a psicologia empírica e o projeto de uma antropologia no pensamento de Kant, assim como para uma melhor compreensão das contribuições deste filósofo para a área da psicologia, corrigindo as interpretações superficiais e apressadas que ainda dominam a historiografia da disciplina.

REFERÊNCIAS

- Araujo, S. F. (2011). A questão da psicologia empírica no período pré-crítico: explicando uma ruptura no pensamento kantiano. *Kant e-Prints*, v. 6, n. 1, p. 12-28.
- Baumgarten, A. G. (2004). *Metaphysik*. Jena: Scheglmann. (Trabalho original publicado em 1783).
- Bonaccini, J. A. (2010). Antropologia, ciência da natureza humana "por analogia". *Kant e-Prints*, v. 5, n. 3, p. 145-161.
- Borges, M. (2003). Psicologia empírica, antropologia e metafísica dos costumes em Kant. *Kant e-Prints*, 2(1): 1-10.
- Brandt, R. (1999). *Kommentar zu Kants Anthropologie*. Hamburg: Meiner.
- Carus, F. (1990). *Geschichte der Psychologie*. Berlin: Springer (Trabalho original publicado em 1808).
- Erdmann, B. (1882). *Reflexionen Kants zur kritischen Philosophie*. Leipzig: Fues's (R. Reisland).
- Frierson, P. (2003). *Freedom and Anthropology in Kant's Moral Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fulgêncio, L. (2006). O lugar da psicologia empírica no sistema de Kant. *Kant e-Prints*, Série 2, 1(1), 89-118.
- Gomes, A. (2005). Uma ciência do psiquismo é possível? A psicologia empírica de Kant e a possibilidade de uma ciência do psiquismo. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, 17(1), 103-111.
- Gouaux, C. (1972). Kant's view on the nature of empirical psychology. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 8, 237-242.
- Hatfield, G. (1992). Empirical, rational and transcendental psychology: Psychology as science and as philosophy. In: P. Guyer (Ed.), *The Cambridge Companion to Kant* (pp. 200-227). Cambridge: Cambridge University Press.
- Hatfield, G. (1998). Kant and empirical psychology in the 18th century. *Psychological Science*, 9(6): 423-428.
- Heidbreder, E. (1981). *Psicologias do Século XX*. 5 ed. São Paulo: Mestre Jou.

- Herbart, J. F. (1882). *Lehrbuch zur Psychologie*. Herausg. von G.Hartenstein. Verlag von Leopold Voss: Hamburg und Leipzig. (Trabalho original publicado em 1816).
- Hinske, N. (1966). Kants Idee der Anthropologie. In: H. Rombach (Ed.), *Die Frage nach dem Menschen. Aufriß einer philosophischen Anthropologie* (pp. 410-427). Freiburg: Alber.
- Hinske, N. (1999). Wolff's empirische Psychologie und Kants pragmatische Anthropologie: Zur Diskussion über die Anfänge de Anthropologie im 18. Jahrhundert. *Aufklärung*, 11: 97-107.
- Jacobs, B., & Kain, P. (Eds.). (2003). *Essays on Kant's Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kant, I. (1900-). *Gesammelte Schriften. Herausgegeben von der Deutschen Akademie der Wissenschaften*. Berlin: de Gruyter.
- Klemm, O. (1911). *Geschichte der Psychologie*. Leipzig: B. G. Teubner.
- Klemme, H. F. (1995). *Kants Philosophie des Subjekts*. Hamburg. Meiner Verlag.
- Leary, D. E. (1978). The philosophical development of the conception of psychology in Germany, 1780-1850. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 14, 113-121.
- Leary, D. E. (1982). Immanuel Kant and the development of modern psychology. In: Woodward, W. & Ash, M. (eds.), *The Problematic Science: psychology in nineteenth-century though* (pp. 17-42). New York: Praeger.
- Leite, D. A. & Araujo, S. F. (2015). A concepção de psicologia na *Metaphysica* de Alexander Baumgarten (1714-1762) e sua relevância para a história da psicologia. In: S. F. Araujo & F. Caropreso (Eds.), *Temas Atuais em História e Filosofia da Psicologia*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Leite, D. A. (2014). *A presença da psicologia empírica na antropologia pragmática de Immanuel Kant*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Louden, R. (2000). *Kant's Impure Ethics*. Oxford: Oxford University Press.
- Louden, R. (2003). The second part of morals. In: B. Jacobs & P. Kain (Eds.), *Essays on Kant's Anthropology* (pp. 60-84). New York: Cambridge University Press.
- McDonough, R. (1995). Kant's argument against the possibility of cognitive science. In: H. Robinson (Hrsg.), *Proceedings of the Eight International Kant Congress*, Band II-1 (pp. 37-45). Memphis.

- Menzer, P. (1911). *Kants Lehre Von der Entwicklung in Natur und Geschichte*. Berlin: Geoge Reimer.
- Mischel, T. (1967). Kant and the possibility of a science of psychology. *The Monist*, 51, 599-622.
- Mueller, F.-L. (1968). *História da Psicologia*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- Nayak, A & Sotnak, E. (1995). Kant on the impossibility of the “soft sciences”. *Philosophy and Phenomenological Research*, 55(1), 133-151.
- Perez, D. O. (2009). A antropologia pragmática como parte da razão prática em sentido kantiano. *Manuscrito – Revista Internacional de Filosofia*, v. 32, n. 2, p. 357-397.
- Perez, D. O. (2010). O significado de natureza humana em Kant. *Kant e-Prints*, v. 5, n. 1, p. 75-87.
- Perez, D. O. (2013). A relação entre a teoria do juízo e a natureza humana em Kant. *Educação e Filosofia*, v. 27, n.especial, p. 233-258.
- Schmidt, C. (2007). Kant's transcendental, empirical, pragmatic and moral anthropology. *Kant-Studien*, 98, 156-182.
- Stark, W. (2003). historical notes and interpretive questions about kant’s lectures on anthropology. In: B. Jacobs & P. Kain (Eds.), *Essays on Kant’s Anthropology* (pp. 15-37). New York: Cambridge University Press.
- Sturm, T. (2001). *Kant on empirical psychology*. In: Watkins, E. (ed.) *Kant and the sciences* (pp. 163-184). Oxford: Oxford University Press.
- Sturm, T. (2006). Is there a problem with mathematical psychology in the eighteenth century? A fresh look at Kant’s old argument. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 2(4), 353-377.
- Sturm, T. (2008). Why did Kant reject physiological explanations in his anthropology? *Studies in History and Philosophy of Science*, 39, p. 495-505.
- Sturm, T. (2009). *Kant und die Wissenschaften von Menschen*. Paderborn: Mentis.
- Westphal, K. (1995). Kant's critique of determinism in empirical psychology. In: H. Robinson (Hrsg.), *Proceedings of the Eight International Kant Congress*, Band II-1 (pp. 357-370). Memphis.

Wilson, H. (2006). *Kant's Pragmatic Anthropology: Its origin, meaning and critical significance*. New York: State University of New York.

Wood A. (2003). Kant and the problem of human nature. In: B. Jacobs & P. Kain (Eds.), *Essays on Kant's Anthropology* (pp. 38-59). New York: Cambridge University Press.

Zammito, J. (2002). *Kant, Herder and the Birth of Anthropology*. Chicago: The University of Chicago Press.